



Interações entre o diegético e o extradiegético em *House of Cards*¹

Giancarlo Casellato Gozzi²

¹ Este artigo é parte de minha dissertação de mestrado, defendida em novembro de 2018 e financiada pela FAPESP e Capes. Processo nº 2016/04344-4, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Agradeço a Esther Hamburger, minha orientadora, pelos comentários que ajudaram a moldar meus argumentos, e a Richard Peña, que facilitou o meu acesso ao acervo do *Paley Center for Media*, em Nova York.

² Mestre em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (2018), sob orientação da Profa. Dra. Esther Hamburger. Atualmente, desenvolve sua pesquisa de doutorado na mesma instituição.

E-mail: giancarlo.gozzi@usp.br

**Resumo**

Este artigo pretende investigar as relações intra e extradiegéticas entre a série televisiva *House of Cards* (Beau Willimon, Netflix, 2013-2018) e realidades políticas externas a ela, analisando como elementos extradiegéticos são trazidos para dentro do mundo ficcional e como a série é apropriada pelo seu público para comentar sua própria conjuntura.

Palavras-chave: House of Cards; comentário político; crise política brasileira.

Abstract

The purpose of this article is to investigate the intra and extradiegetic relations between the television series *House of Cards* (Beau Willimon, Netflix, 2013-2018) and the political realities external to it, analyzing how extradiegetic elements are brought into the fictional world, as well as how the show is appropriated by its public to comment on its own context.

Keywords: House of Cards; political commentary; Brazilian political crisis.



House of Cards é uma série estadunidense criada por Beau Willimon, distribuída pela plataforma de *streaming* Netflix, lançada em 1º de fevereiro de 2013 e chegando ao fim em 2 de novembro de 2018, com o lançamento de sua sexta e última temporada. A série é uma adaptação norte-americana de uma minissérie britânica homônima, e gira em torno da vida política do manipulador Deputado Frank Underwood (Kevin Spacey) e sua igualmente maquiavélica esposa Claire (Robin Wright), em Washington. Membro da liderança do Partido Democrata na Câmara dos Deputados há décadas, o protagonista é traído pelo presidente que havia acabado de ajudar a eleger. Ele então decide não só se vingar dessa traição, mas eventualmente tomar o lugar do presidente eleito, usando para tal um leque bastante amplo de meios.

Na época de seu lançamento, diversas críticas apontavam como a representação do cenário político contemporâneo na série ressoava com a realidade, seja em pontos específicos da conjuntura³, seja em relação a um cenário mais abstrato de “como as coisas funcionam”.⁴

Tal relação entre ficção seriada e realidade retratada teria chegado ao ponto da série conseguir “prever” o cenário político futuro, algo muito especulado a partir da eleição de Donald Trump. As constantes comparações entre pontos da trama da quinta temporada e ações da nascente administração Trump⁵ chegaram ao ponto de Robin Wright brincar, em entrevista, que Trump se inspirava na própria série.⁶ Essa aparente capacidade antecipatória, onde o mundo diegético passa a influenciar o extradiegético, é melhor exemplificada em uma imagem da terceira temporada (lançada em 2015): em seu terceiro episódio, quando o presidente russo Viktor Petrov visita o presidente Underwood na Casa Branca, os dois tiram fotos para a imprensa no Salão Oval. A imagem de Underwood estendendo a mão para Petrov, que a olha pausadamente antes de cumprimentá-lo, é estranhamente similar a uma imagem tirada de Trump, já Presidente, estendendo a mão para Vladimir Putin (já em 2017; ver figuras 01 e 02).⁷

³ Ver, por exemplo, a crítica da primeira temporada por Alexis Coe no “*The Atlantic*”: <https://www.theatlantic.com/entertainment/archive/2013/02/the-very-real-history-behind-the-crazy-politics-of-house-of-cards/273370/>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

⁴ Uma interessante análise se encontra na crítica de Ari Melber, também no “*The Atlantic*”: <https://www.theatlantic.com/entertainment/archive/2013/02/the-terrible-true-insight-of-house-of-cards-bad-people-run-dc/273063/>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

⁵ Seja listando as comparações (<https://www.vanityfair.com/hollywood/2017/05/house-of-cards-season-5-trump>) ou em questionários estilo “Quem disse isso?” (<https://www.theguardian.com/tv-and-radio/2017/may/29/who-said-it-donald-trump-or-frank-underwood>). Acessos em: 28 de setembro de 2020.

⁶ Ver: <https://veja.abril.com.br/entretenimento/trump-rouba-nossas-ideias-brinca-atriz-de-house-of-cards/>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

⁷ Ver mais em: <http://www.consumidormoderno.com.br/2017/07/07/trump-e-putin-esta-mexendo-com-os-fas-de-house-of-cards/>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.



Figura 01: Viktor Petrov e Frank Underwood.

O encontro ficcional antecipa o encontro real (abaixo). Fonte: Netflix.



Figura 02: Vladimir Putin e Donald Trump.

O encontro ficcional (acima) antecipa o encontro real. Fonte: REUTERS/Carlos Barria.

A série, porém, além de estabelecer essa dinâmica relação com a conjuntura política de seu país de produção, consegue estabelecer também algo similar em outros contextos. Um exemplo notável é no Brasil, onde a série passou a ser usada por seus telespectadores brasileiros como comparativo para a crise política que se consagrou no país após a reeleição de Dilma Rousseff em 2014. O exemplo mais comum foi a constante comparação feita entre Frank Underwood e o ex-deputado federal Eduardo Cunha, iniciada de forma sutil e genérica ao igualar a habilidade que os dois teriam de manipular congressos - como em um vídeo da TV Estadão que descreve o poder de



Cunha com a música da série tocando ao fundo.⁸ A comparação se torna tão corriqueira, sendo feita inclusive pela imprensa internacional,⁹ que entrevistadores a mencionaram tanto para Cunha quanto para Kevin Spacey. Se o ator acha interessante as diferentes formas com que o personagem é apropriado em diferentes contextos, o político reage “abespinhado” ao ser comparado com alguém que define como “corrupto, assassino, e homossexual”.¹⁰

O objetivo deste artigo, assim, consiste em analisar as relações intra e extradiegéticas entre a série televisiva e realidades políticas externas a ela, investigando como elementos extradiegéticos entram na diegese da série e como essa diegese, por sua vez, influencia realidades políticas diversas. Ao fim, quero abordar como o conteúdo político da série consegue extrapolar o seu próprio contexto sociopolítico, usando como exemplo de análise a apropriação do conteúdo da série para comentário político do Brasil contemporâneo.

Paralelos entre História e história: a série e sua conjuntura

No intuito de tornar sua trama verossímil e familiar ao espectador, a série se utiliza de variadas estratégias - a começar pela presença, dentro da diegese, de repórteres e âncoras de telejornais reais. Ao longo de suas cinco temporadas, diversos repórteres de uma variedade de canais de telejornalismo aparecem em episódios comentando o desenvolvimento da trama e discutindo as ações dos personagens em seus próprios programas de televisão.¹¹ Assim, a comparação entre os mundos diegético e extradiegético é facilitada por essa presença ficcional de personalidades reais, se encenando.

Essa estratégia de familiarização encontra eco em declarações que o criador da série, Beau Willimon, deu em uma entrevista com o documentarista Alex Gibney no Paley Center for Media, em Nova York.¹² Nela, Willimon afirmou que a “suspensão de

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/videos/1276089245739468/>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

⁹ https://www.washingtonpost.com/world/the_americas/brazilian-opposition-leader-eduardo-cunha-has-his-sights-on-the-presidency/2015/05/28/37efa0c6-03d7-11e5-93f4-f24d4af7f97d_story.html?utm_term=.0be533a690c5. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

¹⁰ Para a entrevista de Spacey, ver: <https://emails.estadao.com.br/noticias/tv.kevin-spacey-comentacao-comparacao-entre-frank-underwood-e-eduardo-cunha,70001697455>; para a afirmação de Cunha, ver: <https://www.cartacapital.com.br/politica/house-of-cards-e-a-politica-brasileira-667/>. Acessos em: 28 de setembro de 2020.

¹¹ As personalidades jornalísticas são de variados canais abertos e a cabo, como George Stephanopoulos da ABC, Rachel Maddow e Chuck Todd da MSNBC, e Jake Tapper da CNN. Não necessitam ser somente jornalistas, contudo, já que apresentadores de *talk shows*, como Bill Maher e Stephen Colbert, também estão presentes na série.

¹² A entrevista, feita entre Beau Willimon e Alex Gibney, organizada por um mediador e aberta ao público, ocorreu em 11 de maio de 2015, no *Paley Center for Media* em Nova York. Ela não se encontra disponível online, apenas na biblioteca do centro. Agradeço a Ron Simon, seu diretor, por disponibilizar o acesso ao acervo.



incredulidade” da ficção¹³ necessita de *autenticidade*, devendo se *sobrepôr ao mundo real*. Tal relação não é marcada por um paralelismo estrito entre o real e o ficcional, mas por uma autenticidade de “como as coisas funcionam”.

A série é acusada, em momentos, de hiperbolizar as intrigas políticas de Washington, sendo “implausível” que diversas ações de Frank ocorressem na vida real.¹⁴ Contudo, apesar de parecerem politicamente inviáveis, tais ações ainda são balizadas em reais situações e regras parlamentares: desde sua primeira temporada a série conta com Jay Carson entre seus produtores, um consultor político que trabalhou para diversos políticos democratas (incluindo Bill e Hillary Clinton), e cujo trabalho é justamente fundamentar a ação dramática em procedimentos parlamentares reais (por mais obscuros que sejam). Essa fundamentação é reforçada pela experiência que Beau Willimon teve em eleições democratas no passado, nas campanhas para o Senado de Chuck Schumer, em 1998, e Hillary Clinton, em 2000; e nas campanhas para a presidência de Bill Bradley, em 2000, e Howard Dean, em 2004.

Um exemplo extremo ocorre no terceiro episódio da segunda temporada, quando Underwood, enquanto vice-presidente (portanto, presidente do Senado americano), manda policiais legislativos carregarem à força senadores republicanos para dentro do plenário. O ato, por mais tirânico que possa parecer, é um procedimento regulamentado dessa Casa Legislativa.¹⁵

Assim, para a repórter e escritora Alexis Coe, apesar de *House of Cards* não apresentar a mais apurada representação de Washington, um “número decente de seus mais bizarros momentos são desconfortavelmente similares à vida real”.¹⁶ A autora enumera diversas situações da primeira temporada da série que possuem sua contraparte real, sendo duas delas as mais interessantes: uma imagem de Frank reparando no corpo da jornalista Zoe Barnes (Kate Mara), no primeiro episódio, e a cerimônia de assinatura da reforma educacional pelo então Presidente Garrett Walker (Michel Gill), no sétimo. Ambas as cenas são extremamente similares a cenas reais: a primeira guarda similaridade com uma imagem em que os ex-presidentes Barack

¹³ Willimon aqui recorre à expressão utilizada por Samuel Taylor Coleridge para caracterizar o acordo que se estabelece entre o leitor e a obra de ficção. Ver: COLERIDGE, Samuel Taylor. *Biographia literaria*, 1817.

¹⁴ Ver, por exemplo, as críticas de Alyssa Rosenberg: <https://thinkprogress.org/netflixs-house-of-cards-thinks-it-s-tough-but-it-goes-easy-on-washington-2513a8d3d6e/>; Seth Masket: https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2015/03/08/house-of-cards-is-the-worst-show-about-american-politics-ever/?noredirect=on&utm_term=.2c3e65628e41; e Jon Altshul: <https://decider.com/2015/03/03/the-5-most-politically-implausible-developments-in-house-of-cards-season-3/>. Acessos em: 28 de setembro de 2020.

¹⁵ Ver: <https://www.rollcall.com/news/house-of-cards-or-senate-of-cards>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

¹⁶ <https://www.theatlantic.com/entertainment/archive/2013/02/the-very-real-history-behind-the-crazy-politics-of-house-of-cards/273370/>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

Obama e Nicolas Sarkozy parecem admirar o corpo da brasileira Mayara Tavares em 2009¹⁷; a segunda, com a imagem de John F. Kennedy assinando a lei de pagamento igualitário em 1963 (ver figuras 03 e 04). Esse uso de cenas passadas em cenas ficcionais proporciona essa familiarização do espectador da série com seu mundo diegético, além do fundamento da trama em procedimentos parlamentares existentes. O uso também antecipa a “futuraologia” da série na terceira temporada, onde o aperto de mão entre Underwood e Petrov precede em dois anos o aperto de mão entre Trump e Putin.



Figura 03: Usando cenas passadas em cenas ficcionais.

Fonte: <https://www.theatlantic.com/entertainment/archive/2013/02/the-very-real-history-behind-the-crazy-politics-of-house-of-cards/273370/>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.



Figura 04: Usando cenas passadas em cenas ficcionais.

Fonte: <https://www.theatlantic.com/entertainment/archive/2013/02/the-very-real-history-behind-the-crazy-politics-of-house-of-cards/273370/>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

¹⁷ Ver: <https://www.theguardian.com/news/blog/2009/jul/10/obama-photograph-controversy>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.



Completando tais procedimentos de familiarização e reconhecimento, *House of Cards* transforma tópicos da discussão nacional americana em conteúdo diegético. De forma crescente ao longo das temporadas, a série transpõe sua conjuntura histórica para seu mundo ficcional na forma tanto de personagens e eventos quanto de temas que norteiam as temporadas. Primeiramente, a própria estrutura da série segue a cronologia eleitoral de sua produção: ela se inicia em 2013 com um presidente sendo empossado (no mesmo ano em que Barack Obama foi empossado para seu segundo mandato), passa por eleições legislativas na sua segunda temporada (também, no mesmo ano das eleições legislativas americanas de 2014), e retrata uma eleição presidencial entre sua quarta e quinta temporadas (novamente, espelhando a eleição presidencial em que Donald Trump concorreu em 2016 e foi empossado em 2017). Por mais que o seu formato de distribuição impossibilite uma simultaneidade destes eventos, já que cada temporada é lançada de uma vez em um dia e continua disponível no acervo da Netflix, a série ainda segue a cronologia do calendário político oficial dos Estados Unidos.

Além disso, ela retrata, dentro de seu mundo diegético, eventos políticos que ocorreram antes ou ao longo de sua produção: a ambiciosa reforma educacional do presidente Walker se assemelha, assim, com a reforma do sistema de saúde americano sancionada pelo presidente Barack Obama em 2010;¹⁸ as tensões entre os Estados Unidos e a China em meio a uma troca de acusações de manipulação cambial e guerra comercial, estimuladas por Frank Underwood na segunda temporada, retratam as mesmas tensões que ocorrem entre os dois países desde meados da administração Obama;¹⁹ e as tensões entre Underwood e Petrov na terceira temporada, um reflexo da relação tensa entre Obama e o presidente russo Vladimir Putin, após a anexação da Criméia pela Rússia.²⁰

Inclusive, deve-se pontuar particularmente como o presidente russo ficcional Viktor Petrov é assemelhado ao (de fato) presidente russo Vladimir Putin, para além de suas iniciais. No terceiro episódio da terceira temporada, quando o personagem é apresentado pela primeira vez, é mencionada a sua propensão a demonstrações de virilidade, assim como Putin com suas montagens fotográficas sem camisa – Underwood, por exemplo, presenteia Petrov com uma prancha de surfe, pois o líder

¹⁸ Ver: <https://www.govinfo.gov/app/details/PLAW-111publ148/PLAW-111publ148>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

¹⁹ Apesar de Obama ter tido momentos de tensão com o presidente chinês Xi Jinping, elas parecem atualmente pouca coisa se compararmos à guerra comercial entre as duas nações após a eleição de Donald Trump. Ver: <https://www.theguardian.com/business/2009/jan/23/china-us-dollar-yuan>; <https://www.reuters.com/article/us-ukraine-crisis-obama/obama-russia-doesnt-make-anything-west-must-be-firm-with-china-idUSKBN0G30Q920140803>; <https://money.cnn.com/2018/07/06/news/economy/us-china-trade-war-tariffs/index.html>. Acessos em: 28 de setembro de 2020.

²⁰ Ver: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-26411969>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.



russo surfaria no Mar Negro. Os dois tiveram um histórico com a KGB – Putin de fato atuou como agente na Alemanha Oriental, Petrov teria sido soldado no Afeganistão. Compartilham também tendências autoritárias, com Putin eliminando sua oposição e invadindo a Ucrânia, Petrov sabotando a missão de paz da ONU e chantageando Frank. E, acima de tudo, o ator que interpreta Petrov, Lars Mikkelsen, é bastante similar a Putin, exceto por Mikkelsen ser 22 centímetros mais alto que o presidente russo (ver figura 05).²¹



Figura 05: As semelhanças entre Putin (à esquerda) e Petrov (à direita). Fonte:

https://br.rbth.com/politica/2016/06/04/quem-disse-putin-ou-petrov-de-house-of-cards_599933. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

Para coroar a comparação entre o Presidente russo ficcional e o real, neste episódio Underwood recepciona, em um jantar oficial homenageando Petrov, as integrantes do grupo de rock punk feminista *Pussy Riot* Nadezhda Tolokonnikova e Maria Alyokhina, junto com o marido de Tolokonnikova, Pyotr Verzilov. O grupo é conhecido crítico de Putin, inclusive as duas integrantes foram presas em 2012 após tocarem em uma catedral em Moscou.²² Na série, elas também são críticas a Petrov, fazendo um discurso contra ele durante o jantar e saindo no meio do evento. Ao final do episódio, Frank faz um pronunciamento à imprensa americana criticando Petrov e

²¹ Uma detalhada comparação entre Petrov e Putin se encontra em: <https://themoscowtimes.com/articles/putin-vs-petrov-fact-and-fiction-in-house-of-cards-44541>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

²² Ver: <https://www.rt.com/news/pussy-riot-trial-896/>. Integrantes do grupo também foram presas após invadirem o jogo da final da Copa do Mundo de 2018, na mesma cidade: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/integrantes-do-grupo-pussy-riot-que-invadiram-campo-na-final-da-copa-sao-condenados-a-15-dias-de-prisao.ghtml>. Acesso em 28 de setembro de 2020.



louvando o *Pussy Riot*, e, em seguida, os créditos finais sobem enquanto um videoclipe de uma música do grupo passa ao fundo. Tal evidente similaridade entre o russo ficcional e o real, e a entrada em cena e exaltação de um grupo musical notoriamente crítico ao líder real deixam clara a posição política tomada aqui, jogando dúvida à afirmação de Willimon que sua obra “não possui agenda política alguma”.²³

“*House of Cards*” como agente político

Entretanto, não é apenas com a sua própria conjuntura nacional que *House of Cards* se relaciona, e nem é somente na chave da similaridade/representação que se dão aqui as relações entre o diegético e o extradiegético da série. A diegese da série, além de representar o ambiente extradiegético que a cerca, também o influencia, extrapolando inclusive o contexto sociopolítico que lhe dá sentido. Esse descolamento do universo diegético é particularmente observado na figura do protagonista da série, Frank Underwood, em parte devido a seu uso constante do aparte dramático, momento em que ele quebra a quarta parede e se dirige a seus espectadores.

Há uma condição liminar nestes apartes, por conta de sua forma épica (trazendo a primeiro plano a condição ficcional e narrativa do que vemos na tela) e função lírica (na medida em que é usado para desenvolver e aprofundar o ponto de vista do personagem). Se a função de seus apartes prende Underwood ao universo diegético, comentando a trama e apresentando os pensamentos íntimos do personagem, o uso de um recurso que momentaneamente quebra com o fluxo dramático abre espaço para a apropriação de Underwood como figura memética, sendo capaz de ser utilizado em contextos estranhos ao seu.²⁴ E, como veremos, essa apropriação não é negligenciada pela Netflix, que usa disso para a promoção da série e, juntamente, de sua marca.

Paolo Demuru, em artigo recente (2017), analisa justamente essa forma de apropriação do personagem de Frank no contexto político brasileiro, explorando a interdiscursividade entre seriados televisivos e o jornalismo político contemporâneo, e o quanto ela contribui para uma noção de “mundo real” (DEMURU, 2017: p. 100). A partir das abordagens greimasianas de Franciscu Sedda (2016) e Cristina Demaria (2015), e usando como estudo de caso a relação entre *House of Cards* e a cobertura jornalística da crise político-institucional que levou ao *impeachment* de Dilma Rousseff em 2016,

²³ Afirmação feita em outra entrevista no Paley Center for Media em Nova York, desta vez junto com o documentarista Ken Burns, realizada em 20 de maio de 2014. Esta entrevista também não se encontra disponível online, sendo possível de ser assistida somente na biblioteca do centro.

²⁴ Para uma maior discussão sobre a função dramática dos apartes na série, ver: GOZZI, Giancarlo Casellato. *As Vantagens da Amoralidade: Melodrama, comentário político e interação com o público em “House of Cards”*. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, capítulo 1.



Demuru demonstra como o universo do seriado teria se alastrado “nas tramas da vida política e do discurso jornalístico brasileiro [...] como um *frame* [DEMARIA, 2015]”, como “uma moldura e uma lente para a interpretação e a apreensão do atual cenário político do país” (DEMURU, 2017: p. 109). Bons exemplos seriam a já mencionada comparação entre Eduardo Cunha e Frank Underwood (citada no início do artigo), expressões como “*House of Cunha*”²⁵, e diversas reportagens que comparam as semelhanças entre a série e a realidade brasileira.²⁶

O tom cínico e supostamente desiludido da série casaria bem com a tônica do telejornalismo brasileiro sobre a crise do governo Dilma, que salvo raras exceções, pinta um cenário de terra arrasada desde o início das investigações da Operação Lava-Jato - e, como bem aponta Demuru, apresenta muitas vezes “uma das partes do jogo na contenda (a da ex-presidente e seu partido), como um sujeito movido exclusivamente pela cobiça e pela sede de poder” (DEMURU, 2017: p. 112). Um dos exemplos elencados pelo autor demonstra bem isso: uma “reportagem-resumo de 12 minutos” no *Jornal da GloboNews* de 31 de agosto de 2016, dia em que o Senado brasileiro sancionou o afastamento de Dilma Rousseff, após aprovação na Câmara dos Deputados meses antes (DEMURU, 2017: p. 110).²⁷

O início da reportagem segue a estrutura de rever “a trama dos episódios anteriores”, como a de uma série televisiva. Essa estrutura é reafirmada com a vinheta de entrada logo depois, referindo-se a outra série da Netflix, *Stranger Things* (ver figura 06).²⁸ Ao longo da reportagem inteira, prevaleceriam também “citações e alusões aos arranjos narrativos e figurativos de *House of Cards*”, como nas cenas onde os edifícios monumentais de Brasília são mostrados em *time-lapse*, da mesma forma que na vinheta de abertura da série (DEMURU, 2017: p. 111). O discurso jornalístico brasileiro, portanto, teria para Demuru traduzido e absorvido “o mundo de *House of Cards* e, em geral, da ficção seriada da era Netflix”, levando à construção de uma “*realidade novelesca-serial*” criada e roteirizada pelo discurso jornalístico, apreendida e consumida pelo público (DEMURU, 2017: p. 112-3).

É importante ressaltar que não foi apenas o discurso dos grandes meios de comunicação brasileiros que absorveu elementos estéticos, recursos formais e temáticas do seriado americano. Houve também uma grande produção de memes por

²⁵ Ver: https://istoe.com.br/352400_HOUSE+OF+CUNHA/. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

²⁶ Ver, por exemplo: <https://www.dn.pt/mundo/interior/as-semelhancas-entre-house-of-cards-e-a-politica-brasileira-5083894.html>; <https://www.cartacapital.com.br/politica/house-of-cards-e-a-politica-brasileira-667.html>. Acessos em: 28 de setembro de 2020.

²⁷ Assista em: <http://g1.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/videos/t/videos/v/globonews-mostra-um-pouco-da-politica-no-brasil-nos-ultimos-meses/5274627/>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

²⁸ Série criada por Matt e Ross Duffer, lançada em julho de 2016 na Netflix, atualmente na sua terceira temporada.



parte de usuários brasileiros de redes sociais, utilizando “o enredo e os personagens da série para ironizar sobre as peripécias dos protagonistas da política nacional contadas pela mídia” (DEMURU, 2017: p. 113; ver, por exemplo, a figura 08).²⁹

Também não passou despercebida pela Netflix essa absorção da série, que fez de sua estratégia de promoção da quarta temporada, lançada um mês antes da votação do *impeachment* na Câmara dos Deputados (portanto, no olho do furacão), uma “ancoragem ao contexto político-institucional local” (DEMURU, 2017: p. 109). Destaca-se o fato de a empresa ter encomendado, para revistas como *Veja* e a *Carta Capital* (ver figura 07) e jornais como *O Povo*, *Zero Hora* e *Gazeta do Povo*, uma “série de capas e reportagens fictícias [...] sobre a trajetória política de Frank Underwood e suas intenções em relação à política externa estadunidense”, publicadas em seus perfis nas redes sociais em 4 de março de 2016 (DEMURU, 2017: p. 109).



Figura 06: Diferentes formas de se apropriar de elementos narrativos e visuais da série para comentário da conjuntura nacional: via jornalismo institucional. Fonte: GloboNews

²⁹ Ver, nesse sentido, AQUINO BITTENCOURT, Maria Clara; GONZATTI, Christian. “House of memes: midiatização do ativismo e transformações no jornalismo a partir de uma (ciber)cultura pop”. In: *Revista Geminis*. São Carlos, v. 7, n. 1, p. 101-116, 2016.



Figura 07: Diferentes formas de se apropriar de elementos narrativos e visuais da série para comentário da conjuntura nacional: pelo marketing da própria distribuidora.

Fonte: Reprodução/Facebook.



Figura 08: Diferentes formas de se apropriar de elementos narrativos e visuais da série para comentário da conjuntura nacional: pela sátira por parte do internauta. Fonte: site KibeLoco.



Uma das estratégias mais interessantes e eficientes de promoção pela série, não analisada no artigo de Demuru, foi a realização de comentários de episódios específicos da conjuntura política brasileira em seus perfis nas redes sociais - em particular no Twitter, meio quase instantâneo de produção de comentário. Em 16 de março de 2016, dia em que o ex-juiz Sérgio Moro divulgou conversas privadas do ex-presidente Lula com a então presidenta Dilma Rousseff,³⁰ o perfil oficial da série no Twitter postou um *gif* de Frank Underwood rindo e a legenda, em inglês: “assistindo à cobertura jornalística brasileira de hoje”.³¹

O exemplo mais notório ocorreu no dia 17 de maio de 2017, quando foi revelado que o então CEO da JBS, Joesley Batista, havia gravado o presidente Michel Temer supostamente negociando o pagamento de propina para garantir o silêncio do ex-deputado Eduardo Cunha.³² Na ocasião, o perfil oficial da série no Twitter escreveu: “Tá difícil competir.”³³ Em português, e publicando no meio da tarde quase que imediatamente após a divulgação da notícia (o *tweet* foi feito às 16:56 do dia 17), o perfil oficial da série comentava diretamente a ebulição política no Brasil, ressaltando o caráter quase ficcional dessas tramas reais.³⁴ O comentário levou *House of Cards* a figurar entre os tópicos mais comentados no Twitter brasileiro,³⁵ demonstrando a eficácia dessa forma de engajamento com o real – ainda mais considerando que o Brasil possui o terceiro maior número de assinantes do serviço de *streaming*, atrás dos EUA e do Reino Unido.³⁶

Finalmente, na ocasião do lançamento da quinta temporada, no fim de maio de 2017, a empresa lançou no Facebook um vídeo com Michael Kelly, ator que faz Doug Stamper, o fiel escudeiro de Underwood, dizendo aos brasileiros que eles não sabem “de onde as pessoas podem tirar inspiração”, e que ficassem “atentos”.³⁷

³⁰<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2016/03/pf-libera-documento-que-mostra-ligacao-entre-lula-e-dilma.html>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

³¹Disponível em: <https://twitter.com/HouseofCards/status/710244596844986368/photo/1>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

³²<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/05/dono-da-jbs-grava-conversa-com-michel-temer-diz-o-globo.html>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

³³Disponível em: <https://twitter.com/houseofcards/status/864992970994368512>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

³⁴ O caráter surreal das reviravoltas políticas deste dia 17 levou a edição do dia do *Jornal Nacional* a marcar recorde de audiência, superando a das telefeições veiculadas no mesmo dia. Ver: <https://www.otvfoco.com.br/edicao-historica-do-jornal-nacional-tem-maior-audiencia-desde-2016-confirma-os-consolidados-desta-quinta-feira-180517/>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

³⁵<https://jovemnerd.com.br/nerdbunker/twitter-oficial-de-house-of-cards-brinca-com-polemica-do-governo-brasileiro/>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

³⁶Ver: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/02/1858978-brasil-e-o-sexto-mercado-de-tv-pela-internet.shtml>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

³⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/HouseofCardsBrasil/videos/1091128297687010/>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.



Percebe-se, dessa forma, que as interações entre *House of Cards* e a realidade política brasileira não são unidirecionais, mas são parte de um ambiente comunicacional onde andam lado a lado a apropriação do mundo da série pelo jornalismo brasileiro, a apropriação irônica pelo público geral por meio da produção de memes, e o comentário direto sobre a conjuntura brasileira pelos perfis oficiais da série.

Considerações Finais

Nesse sentido, é importante ressaltar também que as relações entre *House of Cards* e realidades políticas externas à série não são isentas de tensão. A interação estimulada pela série, tanto com suas estratégias diegéticas de referência e comentário, quanto com sua estratégia extradiegética de promoção publicitária, pode também ter a contrapartida da série ter que inesperadamente se adequar a condições não antes esperadas. Isso fica claro no escândalo de abuso sexual envolvendo Kevin Spacey, ator que fez Frank Underwood, levando à sua demissão da série meses antes do lançamento de sua temporada final.

Em outubro de 2017, junto à avalanche de acusações de assédio sexual que vieram na esteira do escândalo em torno de Harvey Weinstein,³⁸ e que subsequentemente levaria ao movimento *Me Too*,³⁹ Spacey foi acusado de ter abusado sexualmente de um garoto de 14 anos em 1986.⁴⁰ Em menos de um mês, mais de vinte homens acusaram o ator de assédio ou abuso sexual, levando à sua saída da direção do Teatro Old Vic, em Londres; à paralisação das filmagens da sexta temporada de *House of Cards*; e à recusa da Netflix de trabalhar novamente com Spacey.⁴¹ Em dezembro de 2017, foi anunciado que a série teria uma última temporada menor do que as anteriores (oito episódios, ao contrário dos costumeiros treze), e não contaria com Spacey no elenco.⁴²

Se a eficácia das estratégias diegéticas de familiarização e reconhecimento de *House of Cards* fez com que comentaristas políticos comparassem o início da administração Trump com ações ficcionais de Frank Underwood, levando ao comentário de Robin Wright de que Trump “se inspirava neles”, aqui é a série que precisa correr atrás da mudança dos tempos. Ela é obrigada a alterar sua estrutura, retirando de cena

³⁸ Para mais sobre o caso Weinstein, veja: <https://www.nytimes.com/2017/10/05/us/harvey-weinstein-harassment-allegations.html>; e <https://www.newyorker.com/news/news-desk/from-aggressive-overtures-to-sexual-assault-harvey-weinsteins-accusers-tell-their-stories>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

³⁹ Ver: <https://www.nbcnews.com/storyline/sexual-misconduct/metoo-hashtag-becomes-anti-sexual-harassment-assault-rallying-cry-n810986>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

⁴⁰ Ver: <https://www.buzzfeednews.com/article/adambvary/anthony-rapp-kevin-spacey-made-sexual-advance-when-i-was-14#.yqy0z9B6%5C>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

⁴¹ A BBC fez uma completa linha do tempo do caso Spacey. Ver mais em: <https://www.bbc.com/news/entertainment-arts-41884878>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

⁴² Ver: <https://www.bbc.com/news/entertainment-arts-42235302>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.



um personagem que organizava a trama não só por seu protagonismo, mas por seu uso de apartes (uso retomado pela personagem Claire Underwood, já antes da saída de Spacey, na quinta temporada), e também a demitir um ator cuja fama garantiu notoriedade e atenção midiática ao produto. De uma trama que trabalhava com as tensões dentro do casal Frank e Claire, a série se vê obrigada a matar Frank antes mesmo da sexta temporada começar, centrando o enredo em Claire Underwood. E é justamente o tema da representatividade política feminina que se torna um dos tópicos da temporada, com maior ênfase nas personagens mulheres e a criação de um gabinete presidencial formado somente por mulheres.⁴³ A capacidade “antecipatória” da série não a isentou de ter que se reinventar para se adequar a repentinas mudanças sociais.

No seu intuito de promover um comentário do ambiente político americano contemporâneo, *House of Cards* recorre a diversas estratégias diegéticas para assemelhar seu universo ficcional à realidade política dos Estados Unidos. Jornalistas e apresentadores de televisão contracenando com personagens da trama, o embasamento da trama em procedimentos parlamentares do Congresso americano, a coincidência com o calendário eleitoral dos Estados Unidos, e o uso de cenas passadas e eventos recentes como conteúdo diegético, todos estes elementos levam a uma familiarização do espectador com a trama da série, facilitando e aprofundando o comentário político irônico e desiludido promovido por *House of Cards*. Essa tentativa de aproximar ao máximo o enredo com a realidade política americana chega a apontar para uma capacidade “antecipatória” da série, facilitando comparações entre a mesma com eventos recentes, ao mesmo tempo em que a obriga a alterar em momentos o rumo da trama de formas inesperadas.

Essa interação entre a série ficcional e a realidade política americana a torna uma figura explicativa do contexto político que comenta, extrapola os limites nacionais dos Estados Unidos (em parte pelo próprio caráter transnacional e simultâneo de sua distribuição), sendo usada como moldura explicativa para realidades políticas diversas, como mostrado por Paolo Demuru no caso da crise política no Brasil. A capacidade “memética” da série não é ignorada pela mesma, que no Brasil fez da comparação entre série e contexto político nacional uma de suas principais estratégias de promoção.

Esse intenso uso de *House of Cards* para enunciar e compreender a crise política brasileira aponta também para outro fenômeno ainda não mencionado: a perda da telenovela brasileira como “o *locus* privilegiado de tramas contemporâneas” (HAMBURGER, 2005: p. 151). Entre os anos 1980 e 1990, as telenovelas nacionais

⁴³ Ver: <https://www.hollywoodreporter.com/live-feed/house-cards-final-season-claire-underwood-cabinet-twist-explained-1159290>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.



eram a principal moldura ficcional a partir do qual se era compreendida a realidade brasileira - como no caso emblemático da novela *Rei do Gado*⁴⁴, cuja incorporação da “luta contemporânea pela reforma agrária” ganhou as capas, editoriais, e páginas políticas dos principais jornais diários (HAMBURGER, 2005: p. 135).

O uso de um título estadunidense por parte de jornalistas, internautas, e da própria produção da série para explicar e comentar a realidade política brasileira aponta para uma diminuição da importância desses títulos, que agora competem com séries americanas pelo repertório ficcional dos brasileiros. Elucubrações sobre as consequências sociais e políticas dessa competição, e aparente predominância de títulos estadunidenses, ultrapassam os objetivos desse artigo, contudo a centralidade de *House of Cards* no comentário da crise política em 2016 e 2017 parece apontar para uma hegemonia cultural americana ainda maior no ambiente atual de distribuição transnacional da ficção televisual.

Referências bibliográficas

AQUINO BITTENCOURT, Maria Clara; GONZATTI, Christian. “House of memes: mediação do ativismo e transformações no jornalismo a partir de uma (ciber)cultura pop”. In: *Revista Geminis*. São Carlos, v. 7, n. 1, p. 101-116, 2016.

COLERIDGE, Samuel Taylor. *Biographia literaria*, 1817.

DEMARIA, Cristina. “Political Dramas e drammi della politica in tempi di crisi: House of Cards e dintorni”. In: *Between: Rivista dell’Associazione di Teoria e Storia Comparata della Letteratura*. Cagliari, v. 5, n. 10, p. 1-20, 2015.

DEMURU, Paolo. “Ficção seriada televisiva, jornalismo político e construção do real: hipóteses a partir de Greimas”. In: *Significação*. São Paulo: v. 44, n. 48, 2017, p. 98-117.

GOZZI, Giancarlo Casellato. *As Vantagens da Amoralidade: Melodrama, comentário político e interação com o público em “House of Cards”*. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

HAMBURGER, Esther Império. *O Brasil antenado: A sociedade da novela*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

SEDDA, Franciscu. “La fatica della fatica. Interazioni mediali, questioni semiopolitiche”. In: *Intexto*. Porto Alegre, n. 37, p. 152-175, 2016.

Submetido em 14 de outubro de 2019 / Aceito em 19 de outubro de 2020.

⁴⁴ Escrita por Benedito Ruy Barbosa, foi ao ar na Rede Globo entre junho de 1996 e fevereiro de 1997, no horário nobre das oito.